



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JOSEFA JOELMA FARIAS SILVA

**O CONHECIMENTO FILOSÓFICO COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL HUMANO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

JOSEFA JOELMA FARIAS SILVA

**O CONHECIMENTO FILOSÓFICO COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL HUMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico – apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia – UEPB – como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Josefa Joelma Farias.
O conhecimento filosófico como estratégia para o desenvolvimento intelectual humano [manuscrito] : / Josefa Joelma Farias Silva. - 2017.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Conhecimento filosófico. 2. Ensino e educação. 3. Filosofia.

21. ed. CDD 100

JOSEFA JOELMA FARIAS SILVA

**O CONHECIMENTO FILOSÓFICO COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL HUMANO**

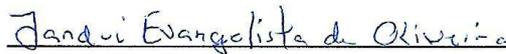
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico – apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia – UEPB – como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Aprovada em 12/12/2017

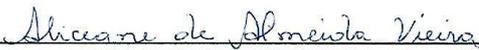
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira
Orientador/ UEPB



Prof. Me. Jandui Evangelista de Oliveira
Examinador/ UEPB



Prof.^a Ma. Aliceane de Almeida Vieira
Examinadora/ UEPB

“Ensinar filosofia é convidar a pensar. É convidar a compartilhar uma atividade que supõe um esforço, é certo, mas abre a enorme perspectiva de chegar a enfrentar-se como novo. E quando se possibilita a novidade, quando aparece algo que antes não havia, em alguma medida, transformamos o mundo”.

(Alejandro Cerletti)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	FILOSOFIA.....	07
2.1	Filosofia e educação.....	07
2.2	Filosofia e currículo.....	09
2.3	Filosofia e metodologia.....	11
3	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	20

CONHECIMENTO FILOSÓFICO COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL HUMANO

Josefa Joelma Farias Silva*

RESUMO

Nas últimas décadas observou-se que a disciplina de filosofia tornou uma disciplina obrigatória no Ensino Médio. Diante disso, muitos foram os questionamentos encontrados no âmbito educacional, dentre eles: O que é filosofia e como ensiná-la na escola? Que tipo de professores precisamos? Estes e outros questionamentos estão presentes quando refletimos a filosofia da educação. Tais questões nos levam a adentrar no processo formativo daquele que também é um dos personagens da educação, o professor. Diante disso, buscamos através desse trabalho compreender de que forma o conhecimento filosófico auxilia no desenvolvimento intelectual humano, buscando dialogar com o pensamento de alguns teóricos da educação como Alejandro Cerletti, Dermeval Saviani e Newton Duarte. A fundamentação dessa pesquisa bibliográfica fora ancorada em livros, artigos, monografias, teses e dicionários.

Palavras-Chave: Conhecimento. Filosofia. Ensino. Educação.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “O Conhecimento Filosófico como Estratégia do Desenvolvimento Intelectual Humano”, visa uma reflexão sistemática para analisar e compreender de que forma o conhecimento é o caminho mais adequado a ser executado, no que diz respeito a capacidade do pensamento e raciocínio do indivíduo. Com o retorno da filosofia no Ensino Médio e em algumas instituições de ensino fundamental II, volta a atenção para reformas de currículos e metodologias para o ensino de filosofia, levando em consideração a especificidade dos adolescentes, descartando as trocas de opiniões sem ultrapassar a barreira do senso comum e ao mesmo tempo investir em temas que interessam aos adolescentes e inseri-los no campo da filosofia e assim desenvolver um progressivo filosofar.

O cotidiano educacional envolve vários papéis, integrando os alunos a um contexto mais amplo, pois é no cotidiano da sala de aula que eles vão desenvolvendo sua compreensão

* Aluna de Graduação em Licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: joelmafarias0502@yahoo.com.br

de mundo. No entanto, percebe-se que não cabe à escola sozinha exercer a formação intelectual do ser humano, nem tão pouco a disciplina de filosofia.

Identificamos que no âmbito escolar, principalmente no que tange a sala de aula, muitos são os fatores que influenciam esta formação intelectual do ser humano, dentre eles a interação existente de forma direta e indireta entre o professor e o aluno. Também merece destaque as interações entre professores, alunos com todos os agentes que compõem cada instituição de ensino.

Quando pensamos as aulas de filosofia, devemos ter em mente, em primeiro lugar, o que seria a filosofia para podermos adentrar no pensamento do ensino, e nesse sentido somos convidados a buscar diariamente o conhecimento filosófico. E com essa busca teremos uma interação maior entre professor e aluno e, por sua vez, uma possibilidade de modificação de sujeitos bem como o desenvolvimento melhor do conhecimento.

Mesmo que o Conselho Nacional de Educação tenha aprovado em 2006 a Resolução nº 04/07, tornando as disciplinas de Filosofia e Sociologia obrigatórias nos currículos do nível médio de ensino, ressaltamos que ainda pouco se discute sobre a questão do ensino e da aprendizagem, no que se refere à filosofia enquanto modalidade de pensamento. Refletir este modo de pensamento ligado ao ensino acarreta, desde então, numa questão filosófica, a qual deverá pautar o caminho trilhado por todos que se dedicam a ensinar filosofia, isto é, o professor de filosofia.

Diante disso, torna-se necessário pensarmos a formação do professor de filosofia mediante o conhecimento filosófico, visto que no currículo devemos encontrar professores bem formados que corresponda a esta formação de maneira séria e competente. Para isso, deve-se estar em constante união os departamentos de filosofia e de educação onde deverão viabilizar esta formação do profissional de filosofia.

Esse trabalho é de cunho bibliográfico e de suma importância para o campo acadêmico, pois busca abrir discussões sobre o conhecimento filosófico e suas contribuições para o indivíduo, tendo como base os teóricos da educação como Alejandro Cerletti, Dermeval Saviani e Newton Duarte, onde possibilitará uma releitura de mundo ao que diz respeito ao desenvolvimento intelectual humano, com o intuito de através da reflexão filosófica, contribuir para a formação de bases e assim construir uma cidadania democrática e responsável.

2 FILOSOFIA

Ao indagarmos sobre o que vem a ser filosofia, é possível perceber que não temos uma resposta única e cada uma delas varia de acordo com concepções filosóficas, dando início a um problema filosófico. Segundo Alejandro Cerletti (2009, p. 31),

Levando-se em conta as dificuldades que surgem ao tentar definir a filosofia, uma forma usual de identificar seu território foi a de remetê-la ao seu passado: Filosofia seria o que os filósofos fizeram ao longo da História, os problemas por eles colocados, suas tentativas de resolver questões fundamentais, enfim, sua obra.

Dessa forma, Cerletti (2009) nos mostra que a filosofia seria vista diante dos problemas filosóficos trazidos ao longo da história por cada filósofo, que por sua vez, pensaram sobre si mesmos rigorosamente, analisando a realidade em que estavam inseridos e questionavam a todo momento a veracidade de seus pensamentos e a liberdade de seus atos. Com isso, a filosofia não está definida de fato, até os dias atuais, mas o que se sabe é que a filosofia transforma o modo com que usamos as palavras em uma vasta reflexão, e que sua ligação com as ciências e as artes estarão sempre munidas de boas razões e bons argumentos, por ser uma forma de conhecimento e atitude, que por sua vez está diretamente inserida na questão das formações intelectuais e éticas do ser humano.

2.1 Filosofia e Educação

O objetivo do ensino da filosofia ao indivíduo é auxiliar no desenvolvimento das habilidades cognitivas, respeitando os estágios, a faixa etária do indivíduo, dando atenção às necessidades e a sua evolução e como resultado poderemos ter uma formação intelectual e moral, onde o indivíduo cria condições de encontrar em si mesmo a liberdade e a autonomia no que diz respeito ao seu pensamento.

Dermeval Saviani, em seu artigo *A filosofia na formação do educador* (1973), aponta como objetivo, explicitar o sentido e a tarefa da filosofia na educação. Para aquele teórico, a educação deve ser norteadada pela filosofia, visto que seu papel é imprescindível na formação do professor.

Nesse sentido, encontramos a filosofia entre o professor e o aluno. Em Saviani, a leitura dos textos filosóficos estaria considerada na relação existente dos conteúdos diante da realidade. Assim,

Como se sabe, o objeto da filosofia não é predeterminado. Com efeito, seu objeto é o próprio pensamento ou então a realidade em geral enquanto suscetível, ou melhor, enquanto necessita ser pensada seja em si mesma, na sua generalidade, seja nas suas manifestações particulares (SAVIANI, 1990, p. 3).

Sendo assim, a filosofia deve interessar a todos aqueles que buscam entender sobre o conhecimento. Isto se dá por meio da reflexão a qual nos levam ao ato de filosofar mediante as problemáticas cotidianas. Os problemas encontrados em nosso cotidiano nos possibilitam refletir e chegar há algumas conclusões plausíveis. Por isso, “o ponto de partida da filosofia é, [...] esse algo a que damos o nome de problema. [...] aquilo de que trata a filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência” (SAVIANI, 1975, p. 1)

Vale ressaltar que a reflexão e/ou o filosofar não é qualquer ação, em se tratando de reflexão filosófica. Pois, para que seja filosófica ela deve possuir aquilo que aquele teórico denomina de três requisitos. Saviani em sua obra Educação: do senso comum à consciência filosófica, visa uma reflexão da tarefa da filosofia no âmbito educacional. Esta seria “uma reflexão radial, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade educacional apresenta” (SAVIANI, 2000, p. 20).

Isto é, ela é radical porque deve investigar profundamente a “coisa” analisada, em seus fundamentos. Neste primeiro requisito, faz-se necessário ir a fundo nas raízes das questões. É rigorosa porque na utilização de métodos passíveis de revisões concisas evitando a contaminação pela “doxa” ou generalizações apressadas. Neste segundo requisito, Saviani (2000) enfatiza a sistematicidade como exigência. Ela também é de conjunto, porque a contextualização é imprescindível para examinar o todo. Toma-se as partes e delas para o todo e vice-versa, na busca de inter-relações causais que delimitem o problema. Por fim, neste terceiro requisito devemos pensar o conhecimento filosófico de forma interligada e não como uma ilha isolada.

Para Saviani, a filosofia é antes de tudo “atitude”. Atitude esta, de filosofar a partir de um problema. Este, por sua vez, seria um sinônimo da questão. Saviani ressalva que existe uma necessidade de resgatar a problematidade do próprio problema, visto que o mesmo tem se perdido ao longo da história. Por esta razão, devemos buscar a essência do problema. Esta essência recebe o nome de “necessidade”. No mais, “a verdadeira compreensão do conceito de problema supõe, [...] a necessidade” (SAVIANI, 1975, p. 5). A necessidade faz com que o ser humano busque conhecer as coisas e, assim, ele acaba refletindo e filosofando. Para

Saviani, “trata-se de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente” (1975, p. 6). A partir desse encontro entre problemas encontrados na realidade do ser humano e o afrontamento existente pelos homens, se dá a filosofia.

Diante do exposto até aqui, encontramos em Saviani uma esquematização pautada na dialética, a saber: Ação – problema – reflexão - ação. Este esquema é formulado pelo seguinte diagrama: *Ação* (fundada na filosofia de vida) suscita o *Problema* (exige reflexão: a filosofia) que, por sua vez, leva à *Ideologia* (consequência da reflexão) ao qual acarreta a *Ação* (fundada na ideologia). Saviani ressalva que não se trata de um esquema lógico e/ou cronológico, mas sim um esquema dialético. Sendo um sistema dialético ele acaba por ser contínuo. Isto é, a Ação suscitará novos problemas que levará a reformulação da ideologia que acarretará, por fim, a reformulação de novas ações.

2.2 Filosofia e Currículo

Identificamos que o ensino de filosofia está vivendo um momento de grande reflexão após ter se tornado obrigatório nos currículos do Ensino Médio através do parecer nº 38/200, homologado em 11 de agosto de 2006.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando” (BRASIL, 2006, p. 15).

Com isso, cabe-nos continuar as discussões que há tempos vem sendo refletidas acerca dos elementos que compõe o ensino de filosofia, dentre estes os conteúdos e as metodologias de ensino para esta disciplina.

Para Silva (1986), a dificuldade de escolha das programações adequadas à Filosofia se deve ao fato de que as disciplinas que fazem parte do currículo escolar, de modo geral, têm uma base conceitual mais ou menos sedimentada na tradição de sua área de conhecimentos, que orienta a escolha das suas programações escolares para a escola básica. Na filosofia isso não ocorre, pois não existe esta base conceitual ou, pelo menos, não há consenso sobre ela. Nesse sentido, “um currículo de Filosofia deve contemplar a diversidade sem desconsiderar o

professor que tem suas posições, nem impedir que ele as defenda. Essa honestidade é inclusive condição de coerência” (BRASIL, 2006, p. 16).

Assim, na disciplina de filosofia podemos pensar a partir de três possibilidades de ensino, a saber: 1. Pela História da Filosofia como centralidade; 2. Através de temas e, 3. Por meio da História da Filosofia como referência. Diante disso, o currículo deveria levar em consideração temas, habilidades, princípios e instrumentos da filosofia, em forma de diálogo, raciocínio e reflexão.

Quando se pensa que conteúdos selecionar para a Filosofia no Ensino Médio, encontramos que esta seleção é um dos principais desafios enfrentados mediante os livros didáticos adotados pelas escolas e que possuem apenas um único volume.

Se falamos em currículo, somos obrigados a falar em conteúdos e métodos de ensino; temos que falar sobre coisas mais particulares que dizem respeito aos problemas decorrentes de sua aplicação concreta nas instituições escolares; devemos indicar princípios de planejamento e de avaliação a ser colocados em prática; e devemos, antes de tudo isso, falar de uma proposta educacional, pois o currículo é o conjunto das iniciativas, dos meios e dos procedimentos com os quais, [...], tentamos colocá-la em prática (ROCHA, 2008, p. 91).

Dessa forma, é de grande importância a reflexão pautada acerca do currículo, visto a relevância dos conteúdos a serem ministrados pelo corpo docente. Vale ressaltar que quando se faz um bom planejamento curricular direcionando tais conteúdos, pode-se garantir uma melhor aprendizagem dos alunos, vistos não “estar solto” a linha de pensamento do professor.

Ainda sobre isso, as Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p. 9) nos apontam que,

O currículo é a expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos e que se propõe a realizar com e para eles. Portanto, qualquer orientação que se apresente não pode chegar à equipe docente como prescrição quanto ao trabalho a ser feito.

Nesse sentido, as mesmas orientações curriculares sugerem uma média de trinta itens de conteúdos que perpassam toda a história da filosofia, distribuindo-se entre temáticas filosóficas e autores.

Devemos ter em mente também o que nos é apresentado nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Filosofia (2001, p. 3), que “no caso da licenciatura deverão ser incluídos os conteúdos definidos para a educação básica, as didáticas próprias de cada conteúdo e as

pesquisas que as embasam”. Tudo isso se tornam desafios a serem enfrentados por todos os profissionais que ministram esta disciplina.

2.3 Filosofia e Metodologia

No correspondente a didática de Filosofia encontramos em Alejandro Cerletti (2003, p. 67) que,

[...] a didática da filosofia em sentido mais amplo, como um ensino filosófico da filosofia, talvez possamos superar aquela popularidade reconhecendo dois caminhos: por um lado, a filosofia pensará as condições de sua própria didática e, por outro, a didática especial poderá gerar estratégias específicas inéditas para ensinar filosofia. Com esse movimento procuro recorrer às características próprias de atitude filosófica (a exploração de suas próprias condições e pressupostos), para fundamentar depois que o ensino deveria ser considerado como um domínio autêntico da filosofia e, portanto, também a exploração de suas condições.

Diante do exposto, acredita-se que a metodologia do ensino de filosofia deverá ser pensada em um viés mais rigoroso, pois “nesse sentido, a questão de ensinar filosofia começa a ser vista como um problema propriamente filosófico – e também político – e não como uma questão exclusivamente pedagógica” (CERLETTI, 2004, p. 19).

Há um conflito enorme que insiste em permanecer entre a Filosofia e o ensino da mesma. Segundo Obiols (2002, p. 88 – 89),

A relação entre a Filosofia e seu ensino é bastante conflituosa. Inicialmente podemos conceber que há uma atividade filosófica ou uma atividade do filósofo que, seja como for que se entenda, parece que pode ser considerada alheia ao ensino. Fazer filosofia ou produzir Filosofia seria uma atividade marcadamente individual e o ensino de Filosofia, ao contrário, supõe uma exposição pública. Seria o ensino apenas um meio de vida para o filósofo? A atividade filosófica seria prejudicada pelo ensino? Estas são algumas das interrogações que nos colocamos.

Percebe-se que o desenvolvimento do conhecimento filosófico perpassa vários âmbitos da relação humana, bem como da própria disciplina e seu ensino, seja pelo viés formal ou informal. Contudo a Filosofia deve refletir acerca de seu processo educacional de ensino no nível médio. Isto é,

Considerar que a filosofia está em condições de pensar sua prática de transmissão, isto é, fazer do ensino filosófico, nos permite quebrar a tradicional dualidade: didática, por um lado, filosofia pelo outro, como se

fossem terrenos independentes; rompe-se também com a ideia de “ampliação” de uma suposta didática geral [...] à filosofia [...] todos sabemos que no caso da filosofia isto não é nada fácil (CERLETTI, 2003, p. 65).

De acordo com o que nos apontou Alejandro Cerletti (2003) na citação acima, cabe aos professores-filósofos a criação de técnicas de ensino para as aulas de filosofia. Percebemos, portanto, que cada filosofia teria praticamente um jeito próprio de serem ensinadas a partir de um método ao qual o professor-filósofo utilizasse, bem como suas metodologias para alcançar seus objetivos de ensino.

Para isso, encontramos diversas propostas no âmbito da educação e do ensino de filosofia que trata esta questão das competências cabíveis àqueles que estão inseridos em ensinar esta disciplina. Devemos estar cientes de que o ensino da filosofia esteja relacionado entre o conceito e o problema do cotidiano.

Segundo Demo (1998a, p. 13 *apud* BOCCHESI, 2008 , p. 24) a competência seria,

[...] a condição de não apenas fazer, mas de saber fazer e sobretudo de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumentação crucial o conhecimento inovador. Mais que fazer oportunidade, trata-se de fazer-se oportunidade.

Desse modo, segundo Demo, a competência estaria relacionada como uma constante inovação do conhecimento. E este estaria sempre direcionado a formação do indivíduo como cidadão. Afinal, todo aquele que seja formado segundo uma competência deverá exercer logo após seu senso crítico diante da realidade que o circunda.

Já Perrenoud (1999, p. 31 *apud* BOCCHESI, 2008, p. 25) nos mostra que os conhecimentos a serem adquiridos seriam como recursos no quais são necessários para o desenvolvimento das competências que se desejam. Isto é,

[...] a competência situa-se ‘além dos conhecimentos’. Não se forma com a assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim com a construção de um conjunto de disposições e esquemas que permitem mobilizar-se os conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento.

Como bem nos apresenta Renato Velloso em sua obra *Lecionando Filosofia para adolescentes: práticas pedagógicas para o ensino médio*, “[...] para formarmos cidadãos críticos e participativos, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em diversos trechos, a Filosofia é a disciplina mais adequada” (2012, p. 17).

Identificamos que a disciplina de filosofia se encontra incluída nas escolas particulares e públicas em seus currículos no ensino médio e em alguns casos no fundamental II, além dos cursos técnicos, profissionalizantes, formação geral, magistério, ensino de jovens e adultos.

Assim, reconhecemos que a filosofia, sendo esta amizade ao saber e estando inserida nestas etapas diversas que compõe a educação, ela serve para adultos e crianças, e também para os adolescentes.

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações (BRASIL, 2006, p. 29).

Quando pensamos a metodologia para com a Filosofia, ou uma metodologia filosófica, temos que o objeto de estudo não esteja tão claro assim, fazendo com que os profissionais que lecionam esta disciplina ainda busquem tal metodologia adequada ou específica para a mesma.

Talvez porque a filosofia sendo a própria sabedoria ou a busca por ela, o seu estudo possibilita um panorama acerca de temáticas diversas como natureza, homem, ciência, cultura, religião, arte, entre tantas outras, é que fica ainda difícil uma metodologia específica para o ensino dela. Sobre esse aspecto, Velloso (2012, p. 21) afirma que “sua metodologia é o próprio questionamento da realidade, ou seja, a própria busca pelo saber, suscitadas por toda a humanidade, a partir da Grécia Antiga até os dias contemporâneos”.

Ainda sobre esta questão, Velloso (2012) enfatiza que a metodologia filosófica é apresentada por meio de competências exclusivas como o saber, a curiosidade, a investigação, a análise, a crítica, a sistematização e a transformação. Assim, é nítida a percepção que vamos adquirindo da filosofia no âmbito escolar quando ela proporciona esta visão de conhecimento a nós.

Em contrapartida à metodologia filosófica, temos os métodos ou os modos de ensino em Filosofia. Por métodos temos como “caminho” para se atingir um alvo ou um objetivo.

Assim, encontramos quatro vias ou caminhos possíveis que podemos trilhar para o ensino de filosofia e que vem sendo discutido sempre sobre sua eficácia. Vejamos: I. Por meio da história da filosofia; II. Por meio das áreas da filosofia; III. Por meio dos filósofos e suas obras; IV. Por meio dos temas ou questões filosóficas. Embora as vias sejam diversas, o objeto de estudo será o mesmo, isto é, a Filosofia.

Para facilitar as aulas de Filosofia e a deixar mais dinâmica, saindo um pouco dos debates e das aulas expositivas, muitas são as técnicas que permitem a aproximação dos alunos com seus professores e, ambos com o conhecimento proposto em sala de aula.

Para Velloso (2012, p. 86), “as atividades são alternativas para que o professor diversifique o seu trabalho e não fique preso à monotonia da aula expositiva”. Sendo assim, o autor em sua obra nos sugere dezoito atividades relevantes que buscam cada uma delas assumir um ou mais objetivos para a disciplina de filosofia, a saber:

1. Aula expositiva: Transmitir o conhecimento diretamente;
2. Dinâmica: Descontrair e integrar e descontrair a turma;
3. Leitura de texto filosófico: Compreender e interpretar filosoficamente;
4. Leitura de periódico: Aplicar a metodologia filosófica em leituras diversas;
5. Exercícios: Reforçar retenção dos conteúdos;
6. Exibição de filme: Ilustrar e ampliar conteúdos;
7. Seminário: Trabalhar em conjunto; socializar as descobertas das pesquisas;
8. Confecção de mural: Ilustrar e valorizar o trabalho dos alunos;
9. Audição de música: Interpretar letras de música filosoficamente;
10. Debate: Saber ouvir e ser ouvido; comparar e rever opiniões;
11. Encenação: Desenvolver a expressão oral e corporal;
12. Júri simulado: Desenvolver o bom-senso ou a capacidade de juízo;
13. Aula informatizada: Conjugar a Filosofia com as novas tecnologias;
14. Visita à biblioteca: Criar o hábito de leitura (de preferência, filosófica);
15. Pesquisa: Promover e aprofundar conhecimentos;
16. Passeio-aula: Associar a teoria à prática; aprofundar os conteúdos;
17. Confecção de maquete: Ilustrar arquiteturas ou ambientes de época;
18. Palestra: Esclarecer e informar conhecimentos.

No mais, identificamos uma gama de possibilidades para um melhoramento das aulas de filosofia em qualquer nível de ensino. Acreditando, porém, que se deve respeitar sempre a singularidade do local (instituição), da sala de aula, do público alvo, entre outras coisas, adaptando-se para poder chegar aos objetivos almejados por cada professor-filósofo.

Quanto à instituição de ensino, devem-se perceber algumas questões que envolvem a localidade, como o bairro onde se encontra localizada, bem como as referências que o mesmo pode nos dar historicamente, geograficamente, socialmente e economicamente. Fatores como estes nos dão um embasamento para entender parcialmente a situação do público alvo.

Deste público dependerá todo o planejamento a ser feito pelo professor, visto a realidade encontrada. Afinal, será esta realidade que direcionará as diretrizes das metodologias, dos métodos e do proceder em sala de aula, seja dos conteúdos mais acessíveis, até mesmo como o professor agirá mediante seus alunos.

Fatores importantes também a serem ressaltados são os métodos de ensino que dependerão de cada professor frente aos pontos citados acima, dando a possibilidade de inovações se necessário, as competências e habilidades já refletidas neste trabalho e, também os recursos a serem utilizados para que sejam apreendidos os conhecimentos.

Para Cerletti (2008, p. 30 *apud* CISNEROS, 2010, p. 21),

Ensinar é conduzir à ante-sala de desafios que, em última instância, são pessoais. O que cabe ao professor é estimular e levar adiante este desafio. Filosofar, então, é se *atrever a pensar por si mesmo*, ou seja, atrever-se a se relacionar de outra maneira com o mundo e os conhecimentos e não reproduzi-los.

Neste contexto, é nítido perceber que o trabalho exercido em sala de aula seria o próprio exercício da filosofia ou do filosofar propriamente dito. A meu ver há uma perspectiva ontológica, fazer com que o aluno desperte seu olhar para outros horizontes, ensinar a refletir provoca questionamentos e inquietações, estimula o aluno a fazer uma relação do seu dia-a-dia com questões teóricas, provocando um movimento do pensamento que por sua vez nos torna humanos.

O conhecimento filosófico pode tornar o ser humano melhor, de maneira que leva o indivíduo a pensar em suas ações e a conversar consigo mesmo, com os outros e com o mundo, construindo suas próprias conclusões, não se contentando com respostas prontas que lhes são dadas. Assim, a crítica é a base do conhecimento filosófico, permitindo que o indivíduo vá além da sua realidade.

Quando se pensa a grade curricular da filosofia diante das mais variadas questões, cabe ao professor-filósofo “[...], em um sentido mais preciso, dispor daquelas habilidades para percorrer o caminho que vai do perguntar filosófico para as respostas que se propunham” (CERLETTI, 2009, p. 45).

[...] o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de Filosofia algo essencialmente produtivo. Portanto, a Filosofia não é produzida numa parte e ensinada noutra ela é sempre produzida e ensinada ao mesmo tempo (GALLO; KOHAN, 2000, p. 182).

Afinal, identificamos que os filósofos contribuíram e contribuem até hoje com o desenvolvimento da Filosofia. Esta, por sua vez, está sempre buscando a verdade das coisas e impulsionando para que as pessoas se abram ao conhecimento e não ao fechamento de si mesmas. O professor, por sua vez, seria o profissional que teria como papel elevar o aluno ao patamar mais alto do conhecimento, propondo questões que atuem como estratégias para o seu desenvolvimento intelectual, oferecendo ao mesmo o livre arbítrio para desenvolver suas próprias conclusões e assim poder questioná-las também.

Cabe ao professor de filosofia (assim como de qualquer área) ter em mente onde o mesmo se encontra para buscar melhor atender a demanda educacional (sua relação com a instituição e com o seu alunado). Este atendimento ocorre com seu planejamento curricular, tendo a observância do ambiente escolar e dos seus alunos e alunas. Como profissional do ensino, o professor não deve apresentar apenas as suas ideias kantianas, positivistas, ou hegelianas que forem adquiridas como uma “nova identidade” durante sua formação, isso porque a filosofia é uma disciplina interdisciplinar e abrange todo tipo de conhecimento e com isso ele não deve fugir da reflexão.

Para Derrida (1997, p. 16 *apud* CERLETTI, 2009, p. 47), “um filósofo é alguém para quem a filosofia não é algo dado, é alguém para o qual o essencial é ter que interrogar-se sobre a essência e o destino da filosofia. E assim reinventá-la”.

Por reinventar a filosofia seria colocá-la em relação às condições do seu tempo. Estas condições, por sua vez, definem o caminho a ser percorrido acerca da pergunta da utilidade da filosofia. Utilidade esta que consiste em mostrar os conhecimentos necessários, as opiniões e estabelecer também as relações que são próprias desse pensamento filosófico e sua transmissão.

Após questionarmos sobre a utilidade da filosofia, adentramos sobre as metodologias necessárias para o ensino da disciplina. Quais didáticas filosóficas devemos utilizar? Pois bem, toda didática deverá ser uma construção ao qual se faz necessário ser atualizada a cada dia. Assim, “em cada atividade proposta, põe-se em jogo a relação que cada professor tem com o filosofar e seu ensino” (CERLETTI, 2009, p. 77-78). Isto é, cabe ao professor se perguntar porque e para que filosofar (ensinar filosofia). Para Cerletti (2009, *idem*),

Construir o problema filosófico “ensinar filosofia” requer aceitar que se trata de uma questão de conceito e não apenas, ou simplesmente, de estratégias de ensino, de didática ou de metodologia. Levar ao conceito ou “ensinar filosofia” exige, por sua vez, reconhecer que as estratégias didáticas teriam um valor relativo diante das posições filosóficas que terão de ser assumidas, e poderão variar ante as diferentes decisões tomadas perante o problema “ensinar filosofia”.

Diante do exposto percebe-se que ensinar filosofia é colocar o outro nos estímulos necessários para pensar por si só, tomando suas próprias decisões. Para isso, o objetivo de todo professor de filosofia, segundo Alejandro Cerletti (2009, p. 81) é “fazer de seus alunos, em alguma medida, filósofos”. E mais, fazer com que estes alunos-filósofos tenham em si uma atitude filosófica.

Vale ressaltar que a atitude filosófica é uma decisão subjetiva. Então, não basta apenas querer ser filósofo, mas se colocar em relação à filosofia e buscar refletir acerca da mesma. Assim, “se considerarmos o ensino de filosofia como filosófico, o professor deverá ser um filósofo que cria e recria cotidianamente um conjunto de problemas filosóficos e suas tentativas de respostas, e isso ele não fará sozinho, mas com seus alunos” (CERLETTI, 2009, p. 83).

Neste sentido, deve-se retirar a filosofia do âmbito privado para uma esfera mais pública. Ou seja, a filosofia não é um pensamento privado, mas acontece por meio do diálogo.

Dando seguimento ao pensamento dos autores, temos outro teórico da educação, Newton Duarte, que em seu artigo intitulado *As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento* (2001), nos apresenta uma defesa da tese da pedagogia das competências como parte integrante de uma grande corrente educacional. Este denomina de pedagogias do “aprender a aprender”.

Segundo Philippe Perrenoud (1999, p. 53 *apud* DUARTE, 2001, p. 35) “a abordagem por competências junta-se às exigências da focalização sobre o aluno, da pedagogia diferenciada e dos métodos ativos”. Nesse sentido, devemos ter em mente que este aprender a aprender equivale na visão daquele teórico ao “aprender fazendo”.

Para desenvolver competências é preciso, antes de tudo, trabalhar por problemas e projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, cooperativa, aberta para a cidade ou para o bairro, seja na zona urbana ou rural. Os professores devem parar de pensar que dar aulas é o cerne da profissão. Ensinar, hoje, deveria consistir em conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem seguindo os princípios pedagógicos ativos e construtivistas. Para os professores adeptos de uma visão construtivista e interacionista de aprendizagem trabalhar no desenvolvimento de competências não é uma ruptura (PERRENOUD, 2000).

Newton Duarte (2001) ao fazer esta citação a faz para uma inclusão da pedagogia das competências diante do ensino voltado ao construtivismo, que por sua vez, o aluno é quem constrói o conhecimento e ele é o foco principal, onde o professor elabora as questões e na

correção das mesmas o professor não tem ideia de erro, o que o aluno escreveu é o que supostamente aprendeu.

Compreende-se que, o autor destaca a importância de refletir as relações entre as pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da chamada sociedade do conhecimento. Esta sociedade do conhecimento é apontada por ele como “uma ideologia produzida pelo capitalismo” (FAVARO; LIMA, 2009, p. 308). Isto é, uma sociedade marcada pela ilusão na qual esconde a verdadeira intenção do que vem a ser o conhecimento.

Nesse sentido, é preciso estimular o conhecimento através de questionamentos feitos em sala de aula, e com isso, o professor irá provocar uma inquietação no aluno, onde o intelecto funcionará de acordo com as relações que ele faz com o conhecimento e assim terá a oportunidade de questionar suas próprias conclusões. É como se o indivíduo saísse da caverna, para a luz do conhecimento e das possibilidades, sem respostas prontas.

3 CONCLUSÃO

Consideramos que a sociedade fomenta que os indivíduos devem buscar o conhecimento através da filosofia, que por sua vez abre possibilidades e traz excelentes resultados para o futuro, despertando no indivíduo a criatividade, a inquietação e o raciocínio. Com isso a filosofia funciona como um caminho estratégico para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, tornando-o um ser humano melhor, racional e crítico, através do conhecimento filosófico.

Quando pensamos as questões plausíveis que tange a filosofia e a educação percebemos que ambas andam de mãos dadas e são necessárias no desenvolvimento do ser humano. Isso tudo porque um ser humano necessita uns dos outros para poder ser ajudado neste processo de desenvolvimento do conhecimento.

Com relação ao professor, ele precisa respeitar a forma de pensar do aluno, não impor concepções filosóficas prontas e acabadas, e sim problematizar o conhecimento, construindo assim uma aprendizagem participativa e reflexiva. É certo que a competência do professor não deve ser vista como solução para todos os problemas do ensino, mas isso não implica dizer que os obstáculos são intransponíveis.

Diante disso, há uma relação que deve ser de grande importância para o desenvolvimento a flexibilidade de conhecimento, isto é, a relação do professor e do aluno, pois será nesta relação que as questões filosóficas serão pautadas. Estas, podemos dizer que se encontram a partir do cotidiano desses personagens que compõem o âmbito escolar.

Identificamos mediante as reflexões que todos os seres humanos que gozam da razão seriam filósofos. Ou seja, pelo que vimos nestes teóricos da educação, esta racionalidade é emancipatória. Isto é, a escola e os agentes da educação contribuem de forma positiva na formação daqueles que adentram o âmbito do ensino, ajudando-os num desenvolvimento crítico, reflexivo e por sua vez os emancipando, trazendo-os das trevas da ignorância ou ilusões para as luzes do conhecimento. Mas o processo de saída das ilusões para o conhecimento verdadeiro é um caminho muito lento e difícil. Pois, os alunos necessitam apreender de forma profunda os diversos conteúdos oferecidos na grade curricular de filosofia dentro da sala de aula e/ou até mesmo a partir de seu cotidiano.

No mais, identificamos que este trabalho foi de grande importância para compreender os elementos que compõem o ensino de filosofia e também sobre como o conhecimento filosófico é visto em alguns teóricos da educação, como Alejandro Cerletti, Dermeval Saviani e Newton Duarte. E mais, percebemos que existe apenas uma apresentação de forma breve dessa temática, porém esse material aponta caminhos para novos horizontes, pois a filosofia tem em sua essência uma conduta libertadora e reflexiva.

ABSTRACT

In the last decades it has been observed that the discipline of philosophy has become a compulsory subject in High School. Faced with this, many were the questions found in the educational field, among them: What is philosophy and how to teach it in school? What kind of teachers do we need? These and other questions are present when we reflect the philosophy of education. Such questions lead us to enter the formative process of the one who is also one of the characters of education, the teacher. Therefore, we seek to understand how philosophical knowledge helps human intellectual development, seeking to dialogue with the thinking of some educational theorists such as Alejandro Cerletti, Dermeval Saviani and Newton Duarte. The foundation of this bibliographic research was anchored in books, articles, monographs, theses and dictionaries.

Key-words: Knowledge. Philosophy. Teaching. Education.

REFERÊNCIAS

BOCCHESE, Jocelyne da Cunha. O professor e a construção de competências. In: Délcia Enricone (Org.). **Ser Professor**. 6. ed. Atual. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001 de 03 de abril de 2001. **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia**. Brasília. Mai. 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências humanas e suas tecnologias: orientações curriculares para o ensino médio – conhecimento de filosofia**. 2006, p. 15 – 40.

CERLETTI, Alejandro. Ensino de Filosofia e Filosofia do Ensino Filosófico. In: GALLO, Silvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CISNEROS, Leandro. **Ensino de Filosofia: Pergunta filosófica, proposta metodológica e compromisso político**. Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE. Número 13: novembro/ 2009 – abril/ 2010. PP. 19 – 30.

FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão; LIMA, Michelle Fernandes. **SOCIEDADE DO CONHECIMENTO OU SOCIEDADE DAS ILUSÕES? QUATRO ENSAIOS CRÍTICO-DIALÉTICOS EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. Especial, p.308-310, mai.2009 - ISSN: 1676-2584.

DUARTE, Newton. **As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Revista Brasileira de Educação, Set, Out, Nov, Dez, nº 10, 2001.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter O. (orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica a proposta metodológica. In: KOHAN, W. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica a proposta metodológica. In: KOHAN, W. (org.). **Filosofia: caminhos para o ensino**. Lamparina, RJ, 2008.

_____. **O ensino de filosofia: como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OBIOLS, Guilherme. **Uma introdução ao ensino da Filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto alegre: artes Médicas, 1999.

_____. **A arte de construir competências**. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril Cultural, set, 2000.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e currículo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **A Filosofia na formação do educador**. PUC/SP: Revista D/doto, nº 1, Jan. 1975.

_____. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. 13 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Franklin, Leopoldo e. História da Filosofia: centro ou referencial. *In*: NIELSEN NETO, H. (org.). **O Ensino de Filosofia no 2º Grau**. São Paulo: SEAF/Sofia, 1986.

VELLOSO, Renato. **Lecionando Filosofia para adolescentes: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.